1.º Anno — Quinta-feira, 28 de Julho de 1892 — Nunero 24

A Folha d'Ovar

FOLHA LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSAVEL
M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes a quem enviamos os recibos para a cobrança do 1.º semestre, o obsequio de satisfazerem as suas importancias.

A'quelles que já o fizeram agradecemos penhoradissimos.

Ovar, 27 de julho

Estiveram por occasião das festas da Rainha Santa Izabel em Coimbra Suas Magestades, El-Rei o sr. D. Carlos I e a Rainha sr.ª D. Maria Amelia.

A recepção, por informações que de lá recebemos, foi decerto uma das menos imponentes que se teem feito á Familia Real, e mesmo emquanto esta se conservou na cidade, o povo conservou-se na maior das indifferenças.

Convem-nos agora aqui fazer algumas observações.

Somos imparciaes, como de ha muito se sabe, mas além de tudo somos portuguezes e orgulhamo-nos d'isso. E é exactamente por esse motivo que nos custa vêr assim desconsiderada mais ou menos a Familia Real, que, quando mais não fosse, devia ter sido recebida como uma familia illustrada, como realmente ella é. Porém não aconteceu assim.

Nas informações que nos foram dadas por pessoa fidedigna, lêmos o seguinte:

« . . . e durante o trajecto da estação velha até á Sé Nova, o carro de Suas Magestades veio constantemente rodeado d'um magote de rapazes, que não eram mais que vendedores de jornaes, gaiatos, vadios, etc., etc. . . »

Ora na verdade é triste que taes scenas se déssem n'uma cidade tão civilisada e que passa por ser a luza Athenas!

Nós, com isto, não queremos dizer que Suas Magestades deveriam ser levadas em triumpho pelas ruas de Coimbra, mas desejamos só fazer saber que todo aquelle que se preza de ser portuguez, deve, pelo menos, receber dignamente o seu rei.

Será decoroso que uma Rainha como é D. Amelia d'Orleans, instruida, amavel, generosa, seja rodeada pela mais infima camada social?

Não é; e todavia foi assim, pouco mais pouco menos, que a receberam em Coimbra.

*

E' certo tambem que o paiz não está para *festas*, mas isto em nada destroe a nossa opinião ácerca da recepção da Familia Real, que sem ser imponente, podia ser digna.

Porque é que Suas Magestades visitaram Coimbra?

Foi, ao que parece, para vêr os festejos da Rainha Santa Izabel, para vêr Coimbra e . . . mostrar-se ao seu povo.

Pois bem! Ahi teem Suas Magestades a resposta do seu povo: o silencio,

Mas Suas Magestades não téem a minima culpa.

A causa de todos os seus desastres são os conselhos dos conselheiros que parecem mesmo conselhos . . . de *conselheiros* . . .

Apreciações

Ovar, que parecia entrar n'um verdadeiro periodo de paz e d'ordem, começa a perturbar-se e a agitar-se com a approximação da lucta eleitoral.

Em todos os recantos d'esta malfadada terra apregôa-se o programma lugubre de mil desacatos e violencias, contra o direito de votar e contra a segurança publica.

Seria melhor que todos os ovarenses se compenetrassem da situação a que fomos levados pelos erros e desperdicios de todos os governos, e que todos, em massa, dirigissem a sua attenção para o progresso e melhoramento da nossa terra.

Sabemos perfeitamente que as nossas palavras, embora cordatas e justas, não vão alterar o ideal dos senhores influentes; mas ellas não são para aquelles, cuja alma é constituida pelos rancorosos desejos e interesses, mas sim para o povo que tem soffrido muito e muito.

Estamos certos que o povo aproveitou com a dura lição que todos os governos lhe tem dado no livro calamitoso das desgraças que a nossa querida Patria tem soffrido, acompanhadas com o cortejo da crise, da miseria, do descredito!

*

E' indispensavel agora que o povo, depositario da soberania, o elemento constituitivo que nas modernas nacionalidades assume o dominio de todas as aspirações, se imponha altivo e forte, contra as loucas pretenções dos espiritos obsecados por umas vagas reminiscencias e caprichos que lhes restam ainda do seu triste poder nas antigas administrações. E, além d'isto, é indispensavel que as auctoridades locaes ponham, acima de qualquer amizade, a sua cooperação sincera na conservação da tranquillidade publica, obstando a que se façam arruaças e outros desacatos contra a segurança individual.

*

Embora partidarios de qualquer credo ou ideia politica, é necessario que todos fiquem sabendo que o magestoso lêmma d'este jornal —*Imparcialidade*— nunca será calcado pelas imposições d'esse mesmo credo ou ideia.

Não teremos coragem e força assás sufficiente para combater e affastar do nosso espirito quaesquer paixões que embarguem a razão para que não possamos avaliar os actos através da pura verdade, sem nos prender com os laços mais ou menos intimos que nos ligam aos agentes.

E' dever nosso, julgamos ter direito a aconselhar o povo a que despreze as arruaças, e assim terá obrado conforme a sua consciencia, salvando a dignidade e fazendo echoar o bom nome que foi, outr'ora, d'esta villa, cercado de respeito, através das opiniões desfavoraveis e . . . verdade seja, muito justas.

SECÇÃO LITTERARIA

Ser ou não ser

(J. A. S. B.)

Quem sonha ha muito e desperta
Ao doce impulso do amor,
Ou tem a victoria certa,
Ou volta a ser sonhador.

23-7-92.

Silvestre Ameno.

PODRIDÃO

Seculo das luzes, seculo da ignorancia.
A realeza agora cheia d'importancia
Opprime o honrado e pobre aldeão,
Rouba-lhe o pão.

Antigamente um rei empunhava a espada,
Energico defendia a sua patria amada,
Do seu povo á frente queria combater,
Vencer ou morrer.

Sempre era querido, sempre adorado,
Amava o seu povo, estava ao seu lado.
Tempos felizes! quem m'os déra á mim!
Não vivia assim.

Oh! tempores!, oh! mòres!; Oh! tempo das amoras!
Chegou hoje o rei! a que horas?
Não sabia? os jornaes não leio;
E' bonito ou feio?

E o petiz? Oh! é muito engraçado!
Muito lindo! E' mesmo o pae pintado!
Ella sim, ella é que é formosa,
E' uma rosa!

Depressa! a facha! o meu chapeu de bicos!
A casaca, a espada, os collarinhos ricos!
As minhas insignias de commendador!?
Estão de penhor.

Em sendo noite é certo e sabido,
Meu pae lá está muito entretido
Jogando a suéca (paga a feijões)
Com tres ratões.

Deita trunfo, bisca e carta alegre,
Tem ganho muito, a sorte o segue;
Rei de copas joga, triste sorte!
Dão-lhe no córte!

Leiria, 25 de julho de 1892.

S. L.

Folhetim da FOLHA D'OVAR

A

MANOEL GOMES DIAS

N'uma linda noute do mez de agosto, achava-me sentado á beira do Oceano.

No céo de um azul diaphano, scintillavam myriades de estrellas, e ostentava toda a sua belleza e magestade a formosa Phebe, rainha dos astros.

A brisa suspirava suavemente.

O mar semelhava um lago, pela serenidade de suas aguas, prateadas pelos raios da lua, que n'ellas se via fielmente reproduzida, e esta serenidade era levemente perturbada pelas suas vagas.

Eu contemplava, absorto em doces pensamentos que me embriagavam, este sublime e portentoso quadro da natureza, este mysterio divino!

Oh! que deliciosos momentos de inneffavel alegria me fizeram delirar o coração, constantemente oppresso pela mão da desventura!... Que efficaz antidoto para as attribulações da minha alma.

Quando vim a mim d'este arroubamento, no qual desejára permanecer toda a minha vida, lancei os olhos para o horisonte e d'elle vi surgir lentamente uma densa nuvem; quando esta estava prestes a offuscar os raios do brilhante astro, uma outra mais densa corria n'outra direcção; um momento depois ficou a terra erma de luz, e tão lobrega, quanto um momento antes fôra jucunda!

As nuvens que corriam umas após outras, cada vez mais opacas, e negrejando de instante em instante, agglomeraram-se e turvaram o céo, ainda ha pouco de tão puro anil, recamado de fulgentes estrellas.

Abriguei-me, porque a chuva principiava a cahir copiosamente. A' branda aragem que suspirava, succedera uma forte nortada.

O mar, momentos antes tão fagueiro e sereno, de repente tinha-se encapellado, causando as suas vagas, que se levantavam com furia, um sussurro que se espalhava e que ia morrer ao longe com doce murmurio.

Finalmente, a noute de meiga e encantadora que estivera tornára-se subitamente borrascosa.

E eu, ainda ha pouco tão alegre, tão esquecido das minhas mágoas, sentia uma a uma voltarem a torturar-me o coração.

A repentina metamorphose que se operára na nutureza, sentia-a eu tambem em minha alma.

E qual seria a causa d'esta mudança, qual seria o motivo porque esse espaço infinito, o céo, apresentava agora tão medonho aspecto . . .

E' um mysterio divino.

Lino.

O AMOR E A MEDALHA

(*Conclusão*)

Elle partiu com um pequeno sacco de roupa ao hombro, acompanhado até á estação pelos seus amigos. Asssentou praça, portou-se sempre bem e chegou a primeiro sargento, passando depois para a Africa com o posto de alferes. Em continuas escaramuças com o gentio teve occasião de mostrar sua coragem e bravura, o que lhe valeu a condecoração da Torre e Espada, além de varias mensões honroras na ordem do exercito.

N'uma das luctas cahiu gravemente ferido o commandante da força. O alferes, debaixo do fogo inimigo, levou-o para a praça d'armas, pensou-lhe a ferida, e ia para retirar-se quando o ferido lhe pediu que ficasse para lhe confiar a ultima vontade d'um moribundo.

—Na minha juventude, continuou o commandante, tive relações amorosas com uma menina, a quem nunca me pude unir por opposição terminante das nossas familias. D'esse amor houve uma creança que foi exposta para occultar a deshonra de sua mãe, que morria dias depois. Essa creança deve ter uma medalha d'ouro com uma inicial e uma data...

—A data, atalhou promptamente o alferes, é de 15 de maio de 1860, a inicial é um C, e a mulher que creou essa creança chama-se Rosa do Outeiro, da freguezia de...

—Como sabe o sr. isso?, perguntou o commandante, cheio de surpreza.

—Sou eu essa creança, meu pae! Graças, meu Deus, que me deixaste conhecer meu pae!

O commandante abraçou e beijou repetidas vezes o filho, e á hora da morte tinha-o deixado seu unico e universal herdeiro.

*

São decorridos seis annos.

E' meia noite, mez de junho.

Algumas nuvens correm d'um a outro lado, offuscando por momentos a claridade da lua.

Alguem, envolto n'um capote militar, bate duas pancadinhas na janella do quarto de Emilia. Esta accorda sobresaltada, abre cautelosamente a janella, e, pela segunda vez, áquella hora, se acharam em frente um do outro, com a voz um pouco tremula, as mãos sobre o coração, como a segural-o, tal era a violencia das suas palpitações, que se ouviam no meio d'aquelle silencio. Mas d'esta vez era bem differente o motivo, que produzia taes effeitos.

O que se passou, o que ambos disseram, é facil de prever entre corações que se amam assim, separados durante seis annos.

*

Ouçamos agora o dialogo entre duas pessoas paradas em frente da casa da Emilinha.

—Que festa é esta em casa do sr. regedor? Vejo lá o sr. prior, o cirurgião, o boticario e outras pessoas com os seus fatos domingueiros. Olha a tia Rosa do Outeiro como está tafula!

—Pois tu não sabes? O Francisco do Outeiro chegou a ser alferes na tropa, foi para a Africa combater os *herejes* e ahi encontrou o pae, que lhe deixou uma boa fortuna. Veio ha pouco tempo e casou hoje com a Emilinha do regedor. Lá pelos modos aquillo era namoro antigo. Que sejam muito felizes, porque são dignos d'isso.

Ovar, 24 de junho de 1892.

Dido.

Meditações

(A DIAS SIMÕES)

E' verão. Nos campos ha scintillações d'alegria, um sol formoso e dourado que innunda com luz vivificante as frontes das donzellas e creanças, e põe notas de prazer nos rostos dos cançados e já velhos. Florescem as arvores mais frondentes e gigantes e até os pequeninos seres do reino vegetal que não teem organisação que interesse, mostram quererem hombrear com as plantas superiores.

Nas suas folhas glaucas ha exhuberancia de vida, rendilhados dispersos profusamente e cuja variedade prende a attenção.

As aves canoras como que repassadas da vida alegre que se lê em tudo harmonisam mais os seus gorgeios e vibram mais as suas vozes.

Até o céu sorri, é transparente e meigo.

Por toda a parte, luz rutilante, harmonias, poesia!...

Assim a nossa alma cheia das chimeras da adolescencia, ainda não experimentada do que o mundo lhe reserva, vive contente, feliz.

*

E' inverno. O noroeste agudo e frio sacode desabrido as folhas das arvores. Ellas que ainda ha pouco eram o symbolo d'uma vida contente e feliz, são agora esqueletos tediosos que melancholisam.

As suas folhas que tinham uma côr sadia, são já pedaços amarellados sem significação e sem alento, semelhantes na tristeza a habito de monge austero.

As veigas e pumares que tanta formusura tinham, que tantas flôres e fructos viram nascer, offerecem agora o desolamento do inhabitado, o descontentamento do que soffre.

As aves, umas emmudeceram, outras — as d'arribação — foram procurar na patria que lhes fôra berço o conforto que a adoptiva já não lhes podia dar.

Em quasi tudo transluz a nota caracteristica da melancholia, a frialdade do decrepito.

Tambem assim a alma do phantasista ao encontrar a realidade das coisas, torna-se sombria, vaga, indifferente...

Ovar, julho de 92.

E. L.

O CHIC

Tempos felizes que não voltam mais!
Ouve meus ais, oh! janotinha q'rido?!

Servant, transporta-me d'além para aquem um vaso de vidro replecto d'agua simples; taes foram as pedantescas palavras ha dias proferidas por um *high-life* portuense, sentado nos fôfos bancos do Suisso, d'aquelle aristocratico café da praça de D. Pedro, onde a franqueza dos creados chega a ponto de satisfazerem a despeza mais importante que lá se faz: agua e palitos.

Todas as noites se encontra a mesma *troupe;* são factores constantes cujo producto é sensivelmente egual á depennação; de calças conicas e casacas hyperbolicas, passam a epocha d'inverno os membros d'aquella sociedade bestial, criticando a companhia lyrica.

Olá! Vós hontem, Augusto, não fosteis ao «Trovatore»? Não imaginaes o que perdesteis! A Borghi é superlativamente pyramidal n'este bocadinho: *trulurulu li ta laru,* e canta o desafinado *aficionado* um bocado da marcha de Boulanger.

Tudo o que diz ao seu amantissimo amigo Augusto foi lido minutos antes na chronica theatral do *Janeiro,* pois elle na vespera nem sequer foi ao S. João ouvir o tal «Il Trovatore»; faltava-lhe dezoito vintens para um logar da 4.ª fila do gallinheiro; só tinha dois vintens (1).

No verão, são os touros. Vinde para o sol que lá reina mais enthusiasmo e disfructa-se a sombra, diz elle ao companheiro; vão para o sol porque as algibeiras andam com frio.

Não vamos hoje aos cavallinhos pois bem sabeis, Augusto, que só executam trabalhos mundanos (2).

No Palacio de Crystal—Olá! Como passaes vós? Ides bem? Fazia plena tenção de jantar hoje no restaurante do Palacio Crystallino, mas o visconde de *** fez-me um convite para tomar a refeição da tarde com elle, e *ergo* não me é possivel permanecer n'este recinto por mais tempo.

. . . . . .

Isto é simplesmente um pequeno fragmento d'um livro que tenciono brevemente publicar, por isso não vale a pena assustar-vos por tão pouco. Para a semana serão as damas o meu assumpto.

Chamaes-me critico, leitores? Classificae-me como quizerdes; se a algum de vós vos servir a carapuça, puxae da vossa saca de tabaco onde se acham desfeitos meia duzia de cigarros Miguel Augusto, imitando tabaco do Burnay (3), embrulhae-o n'uma mortalha, accendei-o e conversemos até á semana.

Leiria, 26 de julho de 1892.

S. L.

(1) Um pataco (moeda antiga).
(2) Trabalhos conhecidos por todo o mundo.
(3) Futuro deputado moral do parlamento portuguez.

NOTICIARIO

Annos

Fez annos no dia 21, o ex.mo sr. Ferreira Coelho, dignissimo escrivão n'esta comarca.

Parabens.

—Faz annos no domingo o nosso amigo José Barboza de Quadros.

Que jante como deve e, no fim, nos dirija um brinde em paga d'um cordealissimo abraço que lhe enviamos.

Para Coimbra

Partiram para Coimbra, afim de assistirem aos festejos da Rainha Santa, o ex.mo sr. dr. José Antonio de Almeida e o nosso particular amigo, Antonio Dias Simões.

Dr. Almeida espera demorar-se mais tempo, pois tem de fazer acto do 5.º anno juridico.

Dias Simões tenciona acompanhal-o e, durante essa demora, frequentará as pittorescas margens do Mondego!

Passeio fluvial

O dr. Soares Pinto, Vaz, e Gomes Pinto, foram na segunda-feira, dar um passeio pelo rio.

Regressaram ao anoitecer e não tiveram mais que gabar o tudo que ha de bello, de sublime n'aquella digressão!

Projectaram n'essa mesma noite egual passeio para dia ainda não marcado e, pelo que pareceu-nos ouvir, teremos um bilhete de convite que desde já agradecemos.

Que Deus não lhes transformem tão boa ideia é o que pedimos.

De pessoas delicadas tudo ha a esperar.

Effeitos do Deus Baccho

Pelas 3 horas da tarde de segunda-feira o conhecido «Suécco», na Praça, chamou a visinhança em pezo a ouvir um discurso que tinha por ponto o deus Baccho!

Os espectadores riram-se e nós algumas vezes previmos que o mestre suêcco seria *enjalfinhado!*

Felizmente a policia, ou passeava distante ou fazia dos ouvidos o mesmo que todos fizeram.

Anniversario

Fez annos, na segunda feira, a exc.ma sr.ª D. Branca do Céo de Liz Teixeira da Cruz, filha do exc.mo sr. Thomaz Augusto da Cruz, digno major do estado-maior d'infanteria, de licença n'esta villa.

Muitos parabens.

De licença

Partiu no sabbado para Rezende, em goso de 90 dias de licença, e acompanhado da sua excellentissima esposa, o nosso prestimoso amigo e distinctissimo collaborador litterario do nosso humilde semanario, Augusto Maximo Pinto da Fonseca Rangel.

Que aproveite estas bellas e calmosas tardes de julho é o que, do coração, desejamos.

Parabens

O nosso illustre amigo, Antonio Caetano d'Abreu Freiré Egas Moniz, de Pardilhó, fez, ha dias, acto na Universidade, ficando approvado.

Felicitamo-l'o.

Chegada

Chegou na terça-feira a esta villa o ex.mo sr. dr. Augusto Correia da Silva Mello, dignissimo official dos proprios nacionaes

Estada

Esteve n'esta villa, na terça-feira, o ex.mo sr. Manoel Maria Ferraz, digno escrivão em Estarreja.

Chronica do Tribunal

No dia 21, o sr. Manoel Pereira, cocheiro, da Estação, deu parte á auctoridade judicial de que a sr.ª Maria Esgalhada, solteira, creada do João Paniço, lhe attestára na sua muito estimada *penca* com o balancim d'um carro, promettendo em seguida, a *elle* e aos justos céos, que a sua vida estava qualquer dia a ser cortada pela balla d'um rewolver! Mulher terrivel!

—No dia 25 a Maria Augusta das Dôres, que móra no largo do Martyr, d'esta villa, levou um papellinho ao sr. delegado em que participava, para bem da justiça, ter sido *zupada* com uma respeitavel vara pelo Manoel Pereira, cocheiro, da Estação, e tambem fôra envergonhada por cauza de umas palavras que o tal Pereira lhe disse.

Ajudou a tocar o *bombo* a sr.ª Anna Picheira, d'aquelle logar.

Que se vão resignando, pois, de certo, o sr. juiz lhes pedirá contas!

—No dia 24 foi o José Marques dos Santos, d'Espargo, a ferver de raiva, dar parte ás justiças de que o Manoel da Silva Tenente, de Maceda, lhe vendera vinte e quatro pinheiros por 9$500 e a senhora sua *marida,* Rosa de Sá Panella, e seu menino Joaquim da Silva Tenente, cortaram os ditos pinheiros, levando-os para sua caza, sabendo estas duas pessoas que o seu marido e pae os haviam trocado por 9$500 réis.

Que negocio intrincado!

—No dia 22, pelas 10 horas da manhã, apresentaram-se na sala do Tribunal, Thereza de Ayres, viuva, e sua filha Anna, solteira, da Ribeira, d'esta villa, para *engulirem* umas expressões que nada tinham de moral e que foram dirigidas á queixosa Rosa da Costa, do mesmo logar.

Sentaram-se as rés no *banco commum* e ouviram as testemunhas dizerem que ellas, chamaram á Rosa, mulher... casta e mais uns considerandos.

O sr. juiz, em vista dos mesmos, lançou do seu throno a benção de tres dias de prisão á viuva Thereza e 3 dias de multa á solteira Anna, sua filha.

Retiraram com o nome de «linguas curtas!»

—Em 17, a camara participou para juizo que José do Raso, moleiro dos Pelames, Maria da Patusca, viuva, Anna Patusca, Margarida Patusca e Rosa do Caixa, todas solteirinhas, do Lamarão, d'esta villa, foram em passeio amigavel fazer uma *patuscada* ás mattas municipaes, aonde tiraram a vida a 7 pinheiros, levando-os para as suas respectivas lareiras, depois de torturados.

No logar do delicto deixaram o machado, que foi remettido para juizo.

Pelos modos a *patuscada* ficou cara!

Quem come sem pagar, recebe d'estas *embaçadellas!*

—Na segunda-feira, o Manoel d'Oliveira Chula, do Salgueiral, veio dizer ao sr. delegado que a marota da Margarida de Sá Ribeiro, sua visinha, casada, offendera a moral!

Apre com as linguas das mulheres assim!

Chelindró! Chelindró!

Exames

Fizeram exames, ficando approvados:

Na Academia do Porto, 7.º cadeira de chimica mineral, o nosso amigo Domingos Lopes Fidalgo

Hotel do Furadouro

O conceituado Hotel do Furadouro, de que é proprietario o nosso amigo Silva Cerveira, abre no dia 8 do mez proximo.

Aquella casa, bem como o bem lhar, soffreram este anno reparações que vão melhoral-as e augmentar os creditos solidos de que o seu proprietario tem gosado.

Ha, como nos mais annos, as mesmas commodidades e os preços são os mesmos.

O Hotel d'aquella praia será este anno visitado, como o tem sido sempre, e estamos convencidos de que os hospedes retirarão muito agradados não só pelas commodidades, escrupulosa limpeza de cosinha e preços muito modicos.

Para maiores esclarecimentos veja-se o annuncio.

Chegadas

—

No domingo, á noite, chegaram das Pedras Salgadas os ex.mos srs. Eduardo Ferraz, digno escrivão n'esta comarca, e José d'Oliveira Gomes.

D'aqui os cumprimentamos.

—Chegou tambem, ha dias, a esta villa, vindo dos Estados-Unidos do Brazil (Pará), o ex.mo sr. Francisco Duarte, da rua das Figueiras, cunhado do nosso amigo Antonio Augusto Freire Brandão.

Os nossos cumprimentos.

Ensaios

—

Começaram na segunda-feira os ensaios da *tuna* «Ovarense.»

O regente, sr. João Alves, recebeu ha dias algumas musicas de muito bom gosto.

Nas noites de luar proximas quem se recolherá cedo?

Ninguem, ninguem!

O sr. Alves não deixará a sua *tuna* ficar mal, logo que saiha á rua.

Dos socios-curiosos temos a esperar a força de vontade necessaria para alimentarem o enthusiasmo do regente.

A'vante, rapazes, ávante!

CHRONICA

O pardacento véo que envolve a luz do sol e annuncia a vinda da noite, desenrolava-se lentamente... mansamente...

Uma extraordinaria imposição de familia fez-me seguir rumo a caza, mais cedo, no sabbado ultimo.

Pontual que sempre fui e sou no cumprimento das velhas praxes que estão em voga nos rapazes das minhas condições, parei ao chegar ás Pontes—Chiado n.° 2—tencionando demorar-me meia hora em agradavel passatempo.

Assim fiz. Cumprimentei os frequentadares, fiz-me augmentar n'aquelle numero, sentando-me e conversando.

Tres jovens nephelibatas fallavam baixo e olhavam-me. Curiosidade naturalissima a minha: perguntei de que tratavam.

Não mereci uma palavra sequer em resposta; porém não me foi difficil comprehender que uma local da *Folha* antecedente era alvo de uma *critica* esmagadora!

Como chronista perguntei o erro. Resposta unanime:—«o sentido d'aquella local (e apontavam a noticia) está confuso, logo é claro que, havendo confusão, ha *ambiguidade!!*

Ah! ah! ah!—Soltei uma risada como poucas na minha vida!

Maldita risada!

Os tres *grammaticos* levantam-se, feridos no seu orgulho e no seu *saber* e... ai, pobre Jayme, em que mãos tu foste parar: «Você é *casca-grossa; é malcreado!*»

E sabes, leitor, o que deu motivo a que me fossem conferidos aquelles dois titulos?

Tiveram razão. Pois se eu pequei como póde peccar um mortal, dizendo *ingenuamente* ao *critico* 1.° que não devia nunca metter-se em discussões de grammatica quando era certo ter elle terminado de decorar o substantivo ha bem pouco tempo!

*

Casca-grossa e malcreado! Quão sagrados não são os labios que soltaram ás brizas nocturnas tão finissimas joias!

Mas quem são estes advogados das leis da sabedoria?

Comecemos pelo

Critico n.° 1—E' um moço bem posto, todo cortezias e amabilidades, innegavelmente mais fino do que o gato da minha casa, sôffrego de mil pretenções, gigante d'Ovar pelos muitos conhecimentos grammaticaes, especialmente conhecedor facil das *ambiguidades!!*

Falla como Antonio Candido nunca fallou: em estylo suavissimo e costuma rematar os seus *discursos* com estas tres palavras encommendadas e de muito valor: *casca-grossa e malcreado!*

Além d'isto possue mais a qualidade apreciabilissima de ser *modesto!!!*

Segue-se o

Critico n.° 2—E' um rapaz todo melancholias, batalhador acerrimo contra o matrimonio, muito sensibilisado, anda em dia com as modas, traz o seu casaco á nephelibata nos dias em que é chamado a deitar *fallage* aos seus discipulos, é amigo e defensor do *critico n.° 1* e vota por elle nas proximas eleições das—*ambiguidades!*

Falta ainda o

Critico n.° 3 - Pessoa distincta, pertence ao numero dos diplomatas, não dispõe da sua confiança á ralé, frequenta todos os bailes e em todos faz-se sobresahir pelo seu espirito... *ambiguo!*

São tres *criticos* de quem esta villa é mãe, pois n'ella nasceram e foram emballados! Bemdita, mil vezes bemdita sejas tu, villa d'Ovar, pois tens direito a escarrar nas tuas visinhas tão pobres de *talentos* e tu tão rica *d'elles!*

Outra vez, bemdita sejas tu!

*

Ai, que tristeza!

E' a ti, só a ti a quem me dirijo, leitor, supplicando compaixão, pedindo tambem me franquies o teu regaço para descanço e allivio d'esta terrivel tristeza nascida na fonte da *ambiguidade!*

Tu mal podes imaginar como eu me sinto cortado de lado a lado, depois que a realidade me assaltou o pensamento.

Quebrei a penna, escarrei nos meus escriptos, deixei-me resvalar pelo abysmo do esquecimento onde me vejo engolfado.

O' realidade, quão cruel e falsa me tens sido!

Novo e inexperiente, vagueei muito tempo pelas ruas da perdição!

E' verdade, da perdição!

Como eu choro; como eu peço á *morte* venha cortar o ultimo e debil fio da minha vida!

Como eu estou e devo estar triste, pois conheço-me vilipendeado, envergonhado, perdido para sempre... para sempre...

*

Ah! ah! ah!

O quê? Tomaste a sério? Julgas-me a chorar? Dá, como eu, expansão ao riso e não acredites na minha tristeza.

Triste? Eu? Triste seja o diabo!

Por causa dos homens das *ambiguidades* deverei estar assim como disse?

Ri-te muito, faz como eu; no sabbado apanhei uma digestão de riso que tu não podes avaliar!

Não temas nunca os *criticos* do Chiado das Pontes.

Pobres *grammaticos!*

«Havendo confuzão, ha *ambiguidade*»—dizem elles.

Eu peço licença para dizer tambem que a *confuzão* habita as suas cabeças!

Os *criticos* do Chiado estão confundidissimos: julgam-se *sabichões* e, afinal, são como eu, pequeninos como o *ponto final!*

O' *criticos*, n'esta chronica haverá alguma *ambiguidade!*

Pelo costume...

*

Mas (a verdade acima de tudo, fui *assado* em vida, no sabbado) á hora em que:
Estava eu no «Chiado»,
Quando fui alvo da *troça!*
Chamaram-me *casca grossa!*
Chamaram-me *malcreado!*
E eu,... todo *envergonhado,*
Sem sequer nada dizer,
Fui-me p'ra casa a roer,
Pois vi-me assim... *deshonrado!*

Que destino malfadado
Que Deus p'ra mim escolheu!
E choro. Mas que fiz eu
Para sim ser maltratado?

Ah! foi...

Por dizer a tres amigos,
Tres *fidalgos-sabichões*
Qu'isto de ter pretenções
E' correr grandes perigos?

Pois sim, mas é que:

Com muita facilidade,
Estes tres grammaticões
Não admittem razões
A favor... d'*ambiguidade!!!*

*

O leitor d'esta vez fica indifferente para commigo. Tenha paciencia.

Eu bem conheço que o estylo da chronica de provincia não é este; bem sei isso. E, para ser mais franco, direi que tinha á escolha bellos assumptos, embora poucas forças para os desenvolver soffrivelmente.

Mas... aquelles *criticos ambiguos* assim o quizeram; quizeram figurar n'uma chronica minha; ahi teem o favor!

Termino como nunca terminei.

O leitor desculpa-me; e a leitora? Ah! As leitoras não me fallam desde que eu fallei nos seus *matinés*, nas suas chinellinhas de verniz, seu guarda-sol de setim, etc., etc., etc.

Perdoae-me, anjinhos, para que Deus vos perdoe tambem as faltas que commetteis para commigo.

*

Não recebo sentimentos pela minha morte produzida pela *critica* das *coisas* das Pontes. Morri em vida, não sou o primeiro. Acabaram as chronicas do Jayme.

Rezae, leitores e leitoras, por mim!

Dorme aqui o Jayme da *Folha*,
Que rôlha!
E que foi sempre attribulado,
Coitado!
Fazei vós agora, a escolha
Do *trôlha*
Que o venha fazer lembrado!

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Carta de Rezende

—

Amigo Gomes Dias:

Cerrei-me no numero passado promettendo a continuação das minhas cartas emquanto Deus me houvesse por aqui, como até agora, a bem da minha saude e do meu espirito, porém sinto dizer-lhe que temo contaminal-o, e aos seus assignantes da *Folha d'Ovar*, do *spleen*, para não dizer do *enteejo*, que ressumbra de todos os meus escriptos.

Mas não lhes deve admirar; a graça hoje é genero tão caro que não ha apanhal-o eu, cá por estas aldeias, quando, de mais em mais, a que apparece é monopolio dos litteratos-illuminados, que eu não posso seguir no vôo.

Méra questão d'azas, e mais nada. Suppram-a, se a tiverem, onde ella lhes falte; ou senão, o que será mais acertado e economico, de periodo em periodo mettam um sorriso d'escarneo e de despreso pelo correspondente, e, attenção que eu principío.

Estive em Miomães, na festa que lhe noticiei se fazia ao S. João. A despeito da chuva, que até ás 11 horas da noite de sabbado nos proporcionou orvalhadas a capricho, as phylarmonicas de S. Cypriano e Santa Marinha tocaram nos seus palanques. A essa hora accenderam-se copos e balões da illuminação, procedeu-se ao lançamento d'um grande numero de vistosas machinas, extravagantes pelo feitio, pintadas a côres, e começaram a estralejar ensurdecedoramente no ar umas dezenove duzias de esplendidos foguetes.

Da noutada pois, mais nada lhe posso dizer; porque á hora dos phantasmas, ao cahirem, sonoras e compassadas, as doze badalladas do sino do campanario, vagueava eu, *lobo-homem* das carnes florescentes e palpitantes, por escuros valles e desertos outeiraes. Seguiam-me? não sei. Voto talvez que não, porque a carreira dos *bruxos* é vertiginosa e longa.

O dia 17, amanheceu risonho e buliçoso.

No céo, formalha ardente, o sol dardejava implacavel os seus raios sobre a multidão ávida de festas, idolatra do vinho, sequiosa de missas cantadas e devoradora de sermões.

Ao sermão assisti. Foi proferido pelo rev. abbade d'Oliveira de Sinfães, um velho que todos aqui conhecem, um caracter verdadeiramente sacerdotal e impolluto, uma intelligencia robusta que o sr. Babo Mendes, digno juiz da festa, fôra arrancar do leito onde céde e quebra á força d'achaques, annos e desgostos.

A's tres horas sahiu a procissão que chegada á capella do Espirito Santo voltou á egreja matriz. Tudo correu com muita ordem e socego, o que admira. Emquanto a mim estava possuido d'um desejo inconcebivel de espancar tudo *à tort et à travers*, tão mal me tinham corrido as cousas da vespera. Verguei-me ante a facundia extraordinaria das espingardas negras e descommunaes que *cabos* atheletas traziam nos remangados braços, e perante o contentamento que brincava nos olhos dos meus amigos Antonio Maximo e Antonio Teixeira, que, tenho a certeza, se achavam nas mesmas circumstancias.

Deixo de citar-lhe aqui episodios burlescos e inqualificaveis, pela arbitrariedade, de sachristia, que, tenho a convicção, não são do conhecimento do rev. padre Luiz, porquanto se o fossem não se tornariam a repetir. E terminou a festa.

Na segunda-feira passando por Aregos (Caldas) soube que se achavam alli muitas familias, de que não averiguei os nomes, e bem assim o meu estimavel amigo Rodrigo Brochado e familia, da casa da Fraga do Marco, dr. Ramalho, delegado da comarca de Baião e familia, D. Maria do Souto do Rio, dr. Amadeu da Silva, etc.

Retiraram para Mattosinhos a uso de banhos o dr. Alçada Pimentel, delegado d'esta comarca, e Thiago de Lemos, escrivão de fazenda, e familia.

E agora, amigo, permitta que vá sentar-me no banco da fonte, debaixo d'aquelle copado castanheiro, como o gemedor de Sião nas suas solitarias ruinas. Dos cerros já a meio se dependuram as sombras. Trazem, assim de começo, um azul incerto que lhe emprestam as neblinas do rosiclér, que cerram como lousa o monarcha findo—findo para amanhã, redivivo como Christo, arredar sudarios e lousas e fender sereno os nevoeiros da madrugada, como aquelle os transvios d'um mundo.

E a molde lhe fallava eu do desdourar da tarde e suas delicias, deixando ir este meu coração espanejando-se, barboleta pela açucena dos tremedaes, e embebido em gratas miragens e agora o sol lá vae fundo, cerca das lindas do céo,—phantasticos topes da serra.

Basta, que lá desponta na estrada a imagem que me alenta e me angustía.

. . . . . .

Para complemento do segundo periodo d'esta, faça constar aos seus leitores que é mais facil encontrar hoje um litterato que um bom cavallo. Ha poetas a todos os cantos, folhetinistas ás duzias, —praga infernal que absorve todo o espirito e todas as ideias de modo a deixar os profanos, como eu, na condição de os aposentarem, por unanimidade, da pasta de correspondentes.

Agora eis-me tranquillo; entendam-me se quizerem.

26—7—92.

Legnar.

SECÇÃO CHARADISTICA

DECIFRAÇÕES DO N.° ANTECEDENTE

Rascador—Mico—Pifaro—Saturno — Lyrio—Alamiré—Lodão — Camão — Corlino—Vicunha—Aipo—Dala—Fefe—Felpa—Rifa — Atacador—Bagatella—Podão.

*

CHARADAS NOVISSIMAS

—

Li no animal este defeito—1-2
A primeira no homem é vegetal -1-2
O appellido no homem é um Deus—2-1
Na ilha está alegre o animal —2-1
O homem fluctúa na cidade —1-2
A medida na musica é vegetal —2-1
E' doce na afflicção esta fructa—1-3.

Mario.

*

ENYGMA

—

Tem tres syllabas apenas
A palavra que apresento,
Terminam todas em A,
Toma, leitor, muito tento.

Na grande roda ella brilha
Lustrosa, fina, galante
E torna um rapaz qualquer
Catita, muito elegante.

Não póde quem quer usar
Tal coisa de distincção
Sem ser *dandy* ou conselheiro,
Sem ser marquez ou barão.

Mas apesar d'isso tudo
Todos a teem *figurada*,
E deve andar da má lingua
Muito e muito acautelada.

Aprigio Mendes.